



# SINOPSE SINTIUS

Informativo diário do Sindicato dos Urbanitários

## 21/09/2022



Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>

### Brasil tem 8ª maior inflação entre 20 principais economias

O Brasil se afastou do topo do ranking da inflação entre as principais economias do mundo. Após 16 dos 20 membros do G20 (grupo dos 19 países mais ricos e um bloco com integrantes da União Europeia) terem divulgado a inflação de agosto, o Brasil figura na 8ª posição, segundo dados compilados na plataforma da Bloomberg.

Há dois motivos principais para essa mudança de posição. O primeiro é o registro do segundo mês consecutivo de queda do IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) no Brasil, que em agosto foi puxado para baixo pela recuo dos preços dos combustíveis.

A outra causa para a queda do Brasil no ranking inflação foi a aceleração dos preços ao consumidor nas principais economias da Europa.

A inflação acumulada em 12 meses até agosto na zona do euro atingiu o valor recorde de 9,1%, segundo dados divulgados pelo escritório de estatísticas da União Europeia Eurostat na última sexta-feira (16). É a taxa mais elevada desde a criação do euro, em 1999.

Também aparecem à frente do Brasil no ranking o Reino Unido (9,9%), a Itália (9,1%) e a Alemanha (8,8%).

A Turquia permanece firme no topo, com uma inflação de 80,2%. Também continuam no pódio a Argentina, com uma taxa de 69,2%, e a Rússia, com 14,3%.

Posicionados no centro do ranking, os Estados Unidos divulgaram também na semana passada que o seu índice de preços acumulado em 12 meses ficou em 8,3%, após uma surpreendente alta de 0,1%. Economistas projetavam deflação de 0,1%.

A antecipação do Banco Central brasileiro em relação às principais economia quanto à política de elevação de juros e as medidas adotadas pelo governo federal para redução do custo dos combustíveis, com destaque para a redução das alíquotas de ICMS, foram as principais medidas responsáveis por ter colocado a inflação Brasil em declínio em relação aos países do G20, segundo Fabio Fares, especialista em análise macro da Quantzed.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 21 de setembro.

### BC deve parar alta de juros, mas analistas não descartam elevação simbólica

O mais longo e intenso ciclo de aperto monetário promovido pelo Banco Central deve ser interrompido nesta quarta-feira (21).

Essa é a expectativa majoritária do mercado financeiro, que espera a manutenção da taxa básica de juros (Selic) em 13,75% ao ano.

Mas um ajuste final de 0,25 ponto percentual, que transmitiria uma mensagem mais dura por parte da autoridade monetária, não está descartado pelos economistas.

"A comunicação do Copom na última reunião foi na direção de parada. Se ele estava confortável em sinalizar a pausa lá atrás, de lá para cá, o conforto [que possibilitou a sinalização] ficou, no mínimo, igual. Então, ele faz a pausa para avaliação", disse Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos.

O conforto, na visão do ex-assessor especial do Ministério da Economia, vem da queda nas projeções de inflação para este ano e sobretudo para o próximo –período mais relevante para a atuação do BC dada a defasagem da política monetária.

De acordo com o boletim Focus, divulgado nesta segunda-feira (19), a estimativa do mercado para o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) de 2022 recuou pela 12ª semana consecutiva, de 6,4% para 6%, e a projeção para 2023 caiu de 5,17% para 5,01% –quinta queda seguida.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 21 de setembro.

## **Bolsonaro promete desmembrar ministério de Guedes e dar a empresários escolha sobre nova**

O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou nesta terça-feira (20) que vai recriar o Ministério da Indústria, Comércio e Serviços caso seja reeleito em outubro, na contramão do enxugamento de pastas defendido por ele em 2018, e acrescentou que o titular da área será indicado por empresários.

Bolsonaro afirmou durante seminário com empresários que integram a Abras (Associação Brasileira de Supermercados) que a recriação da pasta já está "agendada". O presidente discursou de maneira virtual, pois está em viagem a Nova York (EUA) para participar da Assembleia-Geral da ONU.

Segundo Bolsonaro, a recriação da pasta possibilitaria uma gestão mais eficiente dos assuntos relativos a esses setores, que atualmente são tratados no Ministério da Economia, sob o comando de Paulo Guedes.

No começo do mandato de Bolsonaro, quatro ministérios foram reunidos no guarda-chuva da Economia. Além da área da Indústria, foram deslocadas para o comando de Guedes as pastas da Fazenda, do Planejamento e do Trabalho e Previdência (hoje, esta última já está novamente desmembrada).

O presidente afirmou que Guedes não tem nenhuma objeção à medida, mas o ministro sempre se mostrou resistente aos desmembramentos de sua pasta —que significam, na prática, perda de poder sobre a política econômica.

Guedes considera um ganho extraordinário e uma vantagem importante as pastas permanecerem reunidas, principalmente porque isso permite a edição de medidas coerentes em diferentes áreas. Além disso, evita brigas entre mais de um ministro sobre o mesmo tema —como já houve em diferentes casos ao longo da história.

Nos bastidores, interlocutores do governo afirmaram à Folha no mês passado (depois que Bolsonaro já havia sinalizado um desmembramento da pasta) que a modificação não é encarada como um tabu pelo ministro e que até poderia ser discutida caso o nome do colega ajude nas medidas defendidas por Guedes —como as reformas tributária e administrativa.

Mas, por outro lado, se a política e o loteamento de cargos prevalecer em detrimento das medidas consideradas acertadas, o ministro perderia, inclusive, a motivação para permanecer no governo.

Nesta terça, Bolsonaro afirmou que montar um ministério não é tão dispendioso quanto se achava. Em 2018, ele havia prometido um enxugamento da Esplanada em nome da economia de recursos.

A desoneração da folha permite às empresas dos setores beneficiados pagarem alíquotas de 1% a 4,5% sobre a receita bruta, em vez de 20% sobre a folha de salários. Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 21 de setembro.

## **Botijão de gás fica mais caro após corte de preço na refinaria**

A Petrobras cortou em 4,7% o preço do gás de cozinha vendido por suas refinarias na última segunda-feira (12), mas o preço do botijão nas revendas subiu durante a semana, de acordo com a pesquisa de preços da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis).

A alta foi de 1,2%, com o botijão de 13 quilos, mais usado por residências, passando de R\$ 111,91 para R\$ 113,25, na média nacional. Foi a terceira semana consecutiva de alta, embora os percentuais tenham sido bem menores nas semanas anteriores.

A evolução na semana passada contradiz previsão da Petrobras, que calculava uma redução média de R\$ 2,60 por botijão. Os revendedores do produto alegam que precisaram iniciar repasses do reajuste salarial de seus trabalhadores.

As empresas e os sindicatos ainda negociam o percentual de reajuste, mas a Abragás, entidade que reúne sindicatos de revendedores, diz que o repasse já foi feito porque a data-base da categoria é o dia 1º de setembro.

Os trabalhadores pedem reposição da inflação pelo INPC mais 2,3% por perdas anteriores em salários de empregados que recebem acima do piso. Na última reunião, as empresas distribuidoras apresentaram proposta de reajuste de 8,83%, que reflete a variação de 12 meses do INPC.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 21 de setembro.